Sobre novas gerações

por J. SOARES LOPES

Não há ninguém que, na consciência da sua actuação social, não considere o futuro como principal problema do presente e não projecte vistas, generosas e largas, a perfurar as misteriosas sombras do amanhã. Ninguém há que, vivendo a actualidade em toda a gama variada dos seus coloridos, em toda a vibração das sonoridades dispaes desta orquestração desafinada, não se sinta preocupado e inquieto ante as questões magnas aos seus olhos oferecidas, de tão viva influência para os tempos que hão-de vir. Por certo, todos quantos formam dos dias actuais um juizo seguro, objectivo e claro, sentem a gravidade das questões nêles implícitas e que poderosamente interferem com as correntes de vida que projectam os pensamentos e os sentimentos de hoje nas realidades, que serão ardentes e palpitantes, das épocas vindouras. Viver, é mesmo uma partida, uma abalada do nosso *eu* que sente, para a vida que ficará sempre a palpitar. E tanto melhores somos, quanto mais poderosos e largos forem os limites da nossa generosidade, na medida em que de nós nos abandonamos na tarefa alegre de preparar as outras gerações.

Há um problema das gerações. Todos o vêem nítido ante os seus olhos, saltando ante a imensidade de tudo que nos afflige e evidenciando-se pela própria evidência daquilo que representa — precisamente a vida do futuro. São bení verdaderos às vezes os humoristas, que nos dizem as suas *graças* com o picante azedume do sarcasmo. Fernandez Florez, escritor espanhol, que deixa passear pela sua prosa o aspecto sorridente da face dos leitores, também diz coisas sérias no seu rir, por vezes cáustico, quando, então, se considera graciosamente historiador. Escreveu, como sabem, as memórias duma vítima da guerra, das que não fôram à guerra. E assinala o facto das gerações que não viveram, que não sentiram, que não tiveram a consciência da sua própria personalidade e da sua própria dignidade de gerações, calcadas impiedosamente pelo trepidante dos acontecimentos, sentindo-se mortas em vida. E dizendo isto a rir, como bem se compreende o latínório do *Ridendo castigat mores!*

É que existir uno e dissociado, separado dum certo concôrto de aspirações, tudo a parecer subjectivismo romântico e elucubração de imaginação ardente, não ter ao lado de si a identidade de aspirações iguais, de sentimentos comuns, de generosidades idênticas, é perder a vida no vazio, deixar que ela corra infecunda, levada pela incompreensão de que a objectividade das ideias se vai afirmando na medida em que se tornam de susceptível realização.

Há, por isso, gerações que se perdem, que na sua época se sentem deslocadas, porque a irritação dos homens, a loucura de todos, fazem só perturbações e caotismos e porque, sobretudo, sentem o instável dos terrenos onde poderiam estabelecer o alicerce das suas edificações. E Fernandez Flores, humorista que graciosamente se apresenta como historiador, rindo nos diz a verdade da sua geração que se perdeu.

//

Abusou-se de Benda nas nossas terras. Tempos houve em que parecia luxo citar Benda, falar de Benda e dos seus conceitos. Perdoai, agora, que lembre algumas ideias suas, há meses expressadas, e que demarcam ainda, decorridos tempos, fragrância e oportunidade que os factos, por ora, não relegaram. Benda falou do *conflito das gerações*, e, generoso, teve para as novas o sorriso calmo do seu acolhimento e a compreensão muito nítida e clara da sua tragédia, no mundo que não as recebe, acolhedor como devera ser. Êle pôs em destaque, na visão objectiva dum verdadeiro sociólogo, os elementos tão vários e descontraídos que obrigam as gerações novas, desejosas de vida e de actividade próprias, a contundir muito seriamente com um mundo frio e impassível que, fugindo às necessárias determinantes do seu dever histórico e social, não tem para elas o carinho que lhes deveria ser dado como factor imprescindível para o seu integral desenvolvimento. As gerações que brotam, no fluir impetuoso da vida, deviam ter — pois não é assim? — assento garantido na existência, um à-vontade na sua determinação específica, um reconhecimento ao arbítrio do seu sentir.

Com o desequilíbrio da técnica, que a cupidez agrava por não inaugurar a tempo a regularização distributiva, as novas gerações são colocadas pelas vélhas, possidentes dos logares destacados, em posições de notável inferioridade, e, assim, assiste-se de novo, e em toda a parte, ao drama angustioso de gerações que, como tal, querem assinalar a sua existência, e, infelizes, vogam num mundo que não compreendem bem.

Se viver é, pois, projectar as vistas generosas e largas pelas misteriosas sombras do amanhã, às gerações de hoje compete olhar as que se apresentam no palco da vida e querem viver uma vida que sintam — certamente na embriaguez do esforço da construção.